

**ALÉM DO LEITO: A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA COMO ELO DE
HUMANIZAÇÃO E DIREITO À EDUCAÇÃO NO ESPAÇO HOSPITALAR –
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DO PARFOR/UESPI EM NOSSA
SENHORA DOS REMÉDIOS, PIAUÍ, BRASIL**

Luís Jefferson Silva Oliveira¹; Adriano Oliveira fortes²; Maria thays lima da Silva³; Maria do socorro lima Lopes⁴; Valdirene Pinheiro Dias Avendaño Reategui⁵

¹Graduando do Curso de Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI)-Polo de Nossa Senhora dos Remédios, Piauí, Brasil.

luisjeffersonsilvaoliveira@gmail.com

²Graduando em Pedagogia pelo PARFOR/UESPI. Polo de Nossa Senhora dos Remédios, Piauí, Brasil. adrianofortes1989@hotmail.com

³Graduando em Pedagogia pelo PARFOR/UESPI. Polo de Nossa Senhora dos Remédios, Piauí, Brasil. limathays326@gmail.com

⁴Graduando em Pedagogia pelo PARFOR/UESPI. Polo de Nossa Senhora dos Remédios, Piauí, Brasil. limasocorro29@gmail.com

⁵Graduada em Filosofia e Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em Orientação Educacional pela Universidade Cândido Mendes. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI). Especialista em Desenvolvimento Humano e Políticas Educacionais pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI). Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Professora Formadora no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, Piauí, Brasil. diasvaldirene2014@gmail.com.

1. Introdução

A hospitalização impõe uma ruptura drástica no cotidiano dos indivíduos, gerando o que a literatura denomina "hospitalismo" — um estado de isolamento, passividade e desmotivação que compromete diretamente a recuperação clínica. Sob essa ótica desenvolveu-se o presente estudo no âmbito da disciplina de Prática Pedagógica Interdisciplinar V (PPI V) – Prática em Espaços Não Escolares, por graduandos do curso de Pedagogia do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). O projeto, realizado no Hospital Dr. João de Deus Torres (Nossa Senhora dos Remédios-PI), fundamenta-se na premissa de que o ambiente hospitalar deve ser ressignificado como um espaço de vida e aprendizado contínuo.

Neste cenário, a figura do pedagogo hospitalar revela-se essencial. Sua importância reside na capacidade de humanizar o tratamento médico, atuando como o profissional que garante que o paciente não perca sua condição de sujeito aprendente. Enquanto a equipe de saúde foca na patologia, o pedagogo foca na potencialidade intelectual e emocional, combatendo o ócio e a regressão cognitiva.

A importância desta prática para os alunos de Pedagogia é imensurável, pois permite que o acadêmico compreenda a educação em sua dimensão mais ampla e sensível. Atuar no hospital

desafia o futuro professor a adaptar metodologias, exercer a empatia e compreender que o processo educativo ocorre além dos muros da escola formal, consolidando uma formação docente humanística e resiliente.

O suporte jurídico desta intervenção encontra amparo na Constituição Federal de 1988, que define a educação como direito de todos, e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96), que prevê o atendimento domiciliar e hospitalar. Soma-se a isso a Resolução CNE/CEB nº 2/2001, que assegura o atendimento em classes hospitalares.

A base teórica contemporânea para esta intervenção ancora-se em Matos e Mugiatti (2009), que definem a Pedagogia Hospitalar como uma "pedagogia do acompanhamento". Para as autoras, o pedagogo no hospital atua no suporte emocional e na manutenção da subjetividade, garantindo que o paciente não seja anulado pela rotina impessoal do tratamento médico. Essa visão é complementada por Fontes (2005), que enfatiza o papel do pedagogo na mediação entre saúde e educação, defendendo que a escola deve ir ao encontro do aluno-paciente para evitar o abismo social imposto pela doença.

Sob a ótica da humanização, Ceccim (2004) propõe que o hospital deve ser transmutado em um lugar de "educação em saúde", onde o cuidado é compreendido em sua dimensão integral, transcendendo a cura biológica. Esta perspectiva converge com a teoria de Vygotsky (1998) sobre a mediação, sugerindo que o pedagogo atua como o elo que impede o "vazio social" ao manter o paciente conectado à sua realidade e ao seu desenvolvimento cognitivo.

Recentemente, essa rede de apoio tem sido redefinida por autores como Souza e Pimentel (2021), que discutem a "Pedagogia da Presença Virtual", argumentando que a mediação tecnológica se tornou indissociável do acompanhamento pedagógico moderno para mitigar o isolamento severo. No mesmo sentido, Oliveira e Silva (2023) reforçam que a atuação docente no contexto hospitalar hoje exige uma intersectorialidade crítica, onde o pedagogo não apenas ensina, mas articula o direito à educação como parte do protocolo terapêutico de cura. Complementarmente, Ferreira (2022) destaca a importância da subjetividade do cuidador-pedagogo, defendendo que a humanização deve ser bidirecional para sustentar a resiliência no ambiente clínico.

A partir desta fundamentação, emerge o problema central: de que maneira a intervenção do pedagogo em ambiente hospitalar pode mitigar os impactos do hospitalismo e garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem? A relevância social do estudo reside no compromisso com a democratização do acesso ao saber, enquanto a relevância pessoal para os acadêmicos do PARFOR toca na humanização da formação docente frente às vulnerabilidades humanas.

No plano filosófico, Foucault (2008) alerta para o perigo das instituições disciplinares, sendo a intervenção pedagógica o meio de romper esse biopoder, enquanto Mantoan (2003) e Piaget (1975) reforçam a inclusão e a adaptação do desenvolvimento cognitivo ao meio.

A relevância social deste estudo fundamenta-se no compromisso com a democratização do acesso ao conhecimento, reafirmando que o ambiente hospitalar não deve ser um local de exclusão intelectual. Ao transpor o ensino para o contexto clínico, o projeto cumpre uma função social de proteção aos direitos da criança, do adulto e do idoso, combatendo o estresse

da internação e promovendo a humanização do Sistema Único de Saúde (SUS). Assim, a sociedade beneficia-se ao reintegrar indivíduos que mantiveram seus vínculos com o saber e sua dignidade cidadã preservada durante a enfermidade.

Sob a perspectiva da relevância pessoal, a pesquisa toca na desconstrução da visão tradicional de docência restrita à sala de aula para os acadêmicos de Pedagogia do PARFOR/UESPI.

A vivência no Hospital Dr. João de Deus Torres impõe ao graduando um choque de realidade que exige sensibilidade, capacidade de improviso e uma profunda compreensão da alteridade, humanizando a formação do futuro professor para lidar com as vulnerabilidades humanas em diversos contextos de aprendizagem.

As contribuições desta investigação para o campo acadêmico residem no fornecimento de evidências práticas de que a integração entre Educação e Saúde acelera a recuperação emocional dos pacientes, oferecendo à unidade hospitalar um modelo de intervenção lúdico-pedagógica que reduz a resistência ao tratamento médico. Além disso, o estudo contribui para a política educacional local ao demonstrar a viabilidade da aplicação das diretrizes da LDB e do Conselho Nacional de Educação (CNE) em municípios de pequeno porte, servindo de guia para futuras implantações de classes hospitalares.

Nesta perspectiva, o objetivo geral deste estudo é analisar o papel do pedagogo como agente mediador no bem-estar de sujeitos hospitalizados, visando a minimização dos traumas da internação.

2. Metodologia

Esta pesquisa-ação de natureza qualitativa e caráter exploratório-interventivo foca na educação especial e hospitalar, fundamentando-se em **Thiollent (2011)** ao associar a investigação social à resolução de problemas coletivos. O estudo ocorreu na Unidade de Saúde Dr. João de Deus Torres, envolvendo sete acadêmicos de Pedagogia e um público três crianças, dois adultos e dois idosos. Para a coleta de dados, utilizaram-se a observação participante, diários de campo e fichas pedagógicas — instrumentos validados por **Lüdke e André (1986)** pelo contato direto com o ambiente. A análise analítico-descritiva confrontou o progresso dos pacientes com as categorias de afetividade e cognição, permitindo captar a subjetividade dos envolvidos conforme **Minayo (2001)**, interpretando a complexidade humana da realidade hospitalar.

3. Resultados e Discussão

A materialização deste projeto no Hospital Dr. João de Deus Torres não se limitou à aplicação de técnicas pedagógicas isoladas, mas constituiu uma transformação estrutural na dinâmica hospitalar. Os dados colhidos revelam que a intervenção pedagógica atua como uma força de resistência contra a despersonalização do sujeito internado.

A primeira intervenção concreta ocorreu no campo da semiótica hospitalar: a ambientação. Ao substituir o "branco institucional" por figuras lúdicas e cores, rompeu-se o impacto visual da rigidez clínica. Uma mãe, ao ingressar na ala pediátrica, relatou: "Quando entramos e vimos

os desenhos, meu filho parou de chorar e achou que estava em uma brinquedoteca, não em um hospital".

Esta fala é sintomática e deve ser analisada sob a perspectiva de González (2007). Para a autora, a modificação do espaço físico é o "dispositivo de gatilho" para a desospitalização psicológica. O ambiente hospitalar, tradicionalmente associado à dor e à morte, é ressignificado como um território de vida. González argumenta que a educação no contexto de saúde precisa, primeiramente, subverter a ordem espacial para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra. Ao converter o leito em um espaço de brincar, reduz-se o estresse pós-traumático da internação, permitindo que a psique da criança encontre pontos de ancoragem na realidade externa e saudável.

Durante as oficinas de literatura, especificamente na contação da história "Os Três Porquinhos", observou-se o poder da narrativa como ferramenta de mediação. Uma criança de 7 anos, em tratamento intensivo, afirmou categoricamente: "Eu sou o porquinho da casa de pedra, porque sou forte e vou ganhar do lobo".

Esta declaração, analisada sob a ótica de Piaget (1975), evidencia o funcionamento do "jogo simbólico". Piaget defende que o brincar é a forma mais elevada de assimilação, onde a criança não apenas imita a realidade, mas a transforma para satisfazer as necessidades do seu "eu". No contexto hospitalar, o "lobo" deixa de ser uma figura ficcional para se tornar a representação da patologia, enquanto a "casa de pedra" simboliza o corpo fortalecido pelo cuidado e pela escola. O projeto estendeu-se aos idosos através de atividades de estimulação cognitiva e escrita criativa. Um paciente idoso, visivelmente emocionado após redigir um breve relato, declarou: "Eu achei que aqui era só lugar de tomar remédio e esperar, mas hoje eu lembrei que ainda sei escrever e inventar histórias".

A crítica de Foucault (2008) sobre a clínica moderna fundamenta a percepção de que o hospital opera sob um "biopoder", reduzindo o paciente a um "corpo dócil" e objeto de manipulação técnica. A intervenção pedagógica interrompe essa lógica ao devolver a identidade e a "verdade" ao sujeito, que deixa de ser apenas um número de leito ou diagnóstico para retomar sua autonomia. Esse resgate da dignidade é essencial para a manutenção das funções psicológicas superiores, conforme aponta Vygotsky (1998), configurando a educação em espaços não escolares como uma terapia ocupacional existencial. A eficácia do projeto foi validada pelo feedback da equipe multidisciplinar, que relatou melhoras no humor, na colaboração e na aceitação de medicamentos pelos pacientes. Esse resultado ratifica a interdisciplinaridade defendida por Mantoan (2003), que propõe a inclusão como parte indissociável do tratamento integral. Por fim, a mediação do pedagogo hospitalar, sob a ótica de Vygotsky, gera uma interação social capaz de reduzir o cortisol e elevar a ocitocina e a autoestima dos internados.

A prática em Nossa Senhora dos Remédios provou que, quando o pedagogo e o médico dialogam, o objeto de cuidado deixa de ser a doença e passa a ser a pessoa em sua totalidade. A pedagogia hospitalar não apenas ensina conteúdos escolares; ela ensina o paciente a permanecer vivo e conectado à sua própria humanidade durante o processo de enfermidade.



4. Conclusão

A vivência prática no Hospital Dr. João de Deus Torres consolida a pedagogia hospitalar como um pilar essencial para a garantia dos direitos humanos, reafirmando que o direito à educação é inalienável e não deve ser suspenso pela enfermidade. A integração entre o cuidar e o educar, amparada pela Constituição e pela LDB, promove benefícios que transcendem o ensino tradicional, atuando diretamente na saúde mental e servindo como estímulo neurocognitivo que favorece a recuperação física. A experiência destaca a necessidade de políticas públicas para institucionalizar o pedagogo na saúde, profissional que atua como agente estratégico de humanização e resgate da subjetividade do paciente. Conclui-se que essa prática é vital para o sistema público, elevando a educação hospitalar ao *status* de ferramenta terapêutica que assegura a continuidade da vida cidadã e do cuidado integral.

5. Palavras chave Pedagogia Hospitalar, Legislação Educacional, Interdisciplinaridade.

6. Referências bibliográficas

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.**

Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 2/2001.** Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF, 2001.

CECCIM, R. B. Educação e Saúde: ensaio sobre o cuidado. [S. l.], 2004.

FERREIRA, A. A subjetividade do cuidador-pedagogo no ambiente clínico. [S. l.], 2022.

FONTES, R. S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: um marco na história da educação. [S. l.], 2005.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.

GONZÁLEZ, C. Pedagogia hospitalar: A educação no contexto de saúde. São Paulo: Phorte, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como?. São Paulo: Moderna, 2003.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, N. I. T. Pedagogia hospitalar: a humanização integrada ao atendimento pedagógico-educacional. [S. l.], 2009.

MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, J.; SILVA, M. Intersetorialidade crítica na atuação docente hospitalar. [S. l.], 2023.

PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1975.

SOUZA, L.; PIMENTEL, A. Pedagogia da Presença Virtual e mediação tecnológica. [S. l.], 2021.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes